

---

## DESTINO: BRASÍLIA

*Mariza Vieira da Silva\**

### **Resumo**

Neste artigo, busco compreender os processos de subjetivação que se constituem nas relações do sujeito com as formas dos espaços da cidade de Brasília através da análise de outras discursividades, que não as do discurso (do) urbano, nos primeiros anos de sua fundação. Compreender como o trabalho da memória, da história, no presente deste encontro do sujeito com um passado e um futuro produz outros sentidos para a relação entre o visível, o dizível e o inteligível, entre o privado e o público, entre o urbano e o rural: transformações no modo de estar e sentir-se junto a.

“Vou no rumo de Brasília, / não é aqui meu lugar. / A liberdade no exílio, / já começa a definhar.” Nesses versos iniciais do poema de Drummond, cujo título tomamos para o nosso trabalho, escrito em 1956, sentimos pulsar os sonhos de tantos brasileiros que buscaram essa Pasárgada como forma de tomar os seus destinos na mão. Um sonho, uma aventura. Destino ou desatino? Onipotência, fatalidade, livre-arbítrio, insensatez, determinação... Um território da aventura, da força dos desejos e das paixões dos homens, um novo espaço do sujeito significar o mundo e se significar se abria. Mas que destino era esse, mas que território era esse? “Que metro serve / para medir-nos? / Que forma é nossa / e que conteúdo? / Contemos algo? / Somos contidos? / Dão-nos um

---

\* Universidade Católica de Brasília.

nome? / Estamos vivos? / A que aspiramos? / Que possuímos? / Que relembramos? / Onde jazemos? / (Nunca se finda / nem se criara. / Mistério é o tempo / inigualável.)”<sup>1</sup>

É deste destino-desatino, com o qual o homem tem de se haver depois que ruma para Brasília, que gostaria de falar: de construções discursivas entrecruzando-se com construções no espaço – espacialização da linguagem e do tempo –, pela nova relação que se estabelece entre a linguagem e as coisas, entre o homem e o mundo, mediada pela materialidade das formas de um espaço que se faz significar por um trabalho da e na memória. Dessa memória em que:

*Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.*

*Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.*

*Mas coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Memória*)

Ao rumar para Brasília, o sujeito se depara com o inesperado – com uma outra ordem significativa – e se desorganiza, se desestabiliza, ao buscar o sentido sempre-lá para um referente que se esfumou, ao procurar um memorável de um imaginário que se rompeu, uma vez que “a cidade de Brasília fica fora da cidade”. Brasília: passado-presente-futuro fundidos nisto que se chama uma cidade, ou, ainda, uma terra do “onde vai ser”, conforme legenda de uma foto de Eugênio Silva, publicada em “Brasília – 40 anos, da Cidade Livre – Plano Piloto”, do início da construção, referindo-se ao que estava sendo construído. “Brasília é um futuro que aconteceu no passado” (Clarice Lispector: 1999).<sup>2</sup>

<sup>1</sup> “Perguntas em forma de cavalo-marinho” de Carlos Drummond de Andrade (Claro Enigma).

<sup>2</sup> Duas crônicas de Clarice Lispector, “Brasília” de 1962 e “Brasília: esplendor” de 1974, que revelam poeticamente a relação do sujeito com os sentidos naquela nova concepção arquitetônica de cidade, serviram de interlocução constante na produção deste ensaio e de recorte para análise.

Nosso interesse como analista de discurso é, pois, compreender os processos de subjetivação que se constituem nas relações do sujeito com as formas dos espaços da cidade de Brasília, ou seja, as formulações que se dão no tempo de um acontecimento arquitetônico fundante de uma nova ordem significante. Busco compreender o trabalho da memória, da história, no presente deste encontro do sujeito com um passado e um futuro, em um lugar “onde o espaço mais se parece com o tempo” (Lispector: 1999), uma vez que:

*Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.* (Ítalo Calvino: 1990)

A cidade é o lugar do homem moderno, do sujeito de direito – fonte de seu dizer e responsável pelo que diz – e do sujeito do conhecimento – capaz de conhecer e legitimar sua verdade, de ser autor e leitor –, que habita um espaço privado e, ao mesmo tempo, circula em um espaço público juntamente com outros homens, também livres e racionais, mas econômica e socialmente desiguais. Aí se constitui o que podemos chamar de sujeito urbano, um sujeito que produz uma realidade estruturada pelo modo como esse espaço o afeta. As relações na cidade são, pois, relações políticas, em que se estabelecem determinadas articulações entre o simbólico e político, entre o visível, o dizível e o inteligível. Ou ainda, os modos de significar os espaços da cidade mostram que eles são espaços políticos.

Neste artigo, busco através de outras discursividades, que não as do discurso (do) urbano,<sup>3</sup> pensar os deslocamentos da e na forma-sujeito brasileiro na sua relação com os espaços simbólicos da cidade de Brasília, tomado como um discurso fundador de

<sup>3</sup>Orlandi, em seu artigo “A desorganização cotidiana”(1998), fala desse discurso que sobrepõe-se à cidade, “de-limitando-a, desenhando seus sentidos (significando-a), assim como o social. A cidade significada pelo que chamo de discurso (do) urbano, abriga o social – o polido – que, no entanto, se realiza administrativamente como policiado, referido à (manutenção da) organização urbana. Quer dizer que o social passa a significar pela urbanidade (planejamento, tecnologia) e perde suas características materiais estruturantes”.

uma concepção de cidade,<sup>4</sup> enquanto *polis*, que produz um corte nas redes de filiações do sujeito e demanda a construção de uma outra memória discursiva. Pensar o habitante de Brasília, como uma posição-sujeito, da perspectiva discursiva, é “pensar como a cidade faz sentido no sujeito, como ela se diz nele”. (Orlandi: 1998)

Nesse perguntar sobre como se simbolizam os sujeitos em sua relação com o que os identificam – ou não – no imaginário das práticas cotidianas dessa nova cidade, que é o seu destino, é que posso apreender essa relação necessária do sujeito com os sentidos, que se constituem por uma relação contraditória com a história; é que posso compreender discursivamente os processos de subjetivação na sua relação com a materialidade significativa dos espaços projetados. Isso nos coloca também frente ao trabalho simbólico e político do movimento de constituição de identidades de um sujeito que se identifica com a cidade e que é identificado como sendo de Brasília. Uma cidade que parece roubar, pelas e com as formas, a identidade do sujeito, tomado pela falha que o estrutura.

A nova capital nasceu, diz Lúcio Costa, “de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”. Trata-se do cruzamento do Eixo Monumental com o Eixo Rodoviário e, se vista do céu, lembra a forma de um avião, não houve a idéia deliberada de que tivesse essa forma. E no ponto de cruzamento desses dois eixos instalou-se o terminal rodoviário: lugar de partida e de chegada. No meio da cruz, a rodoviária. Nesta intersecção-conexão, quantos encontros-desencontros. O centro, que Brasília não tem, pode ser tomado como o ponto em que o sujeito chega ao destino, negando-o; encontra-se, se perdendo.

Morello, em seu artigo *Casas e centros de cultura e movimento de sentidos na cidade* (2001), ao analisar as formas de subjetivação do sujeito em sua relação com a cidade, ao deslocar-se do que ela chama “seu lugar” para uma nova situação, propõe as designações “sujeito em trânsito” e “sujeito estabelecido” para dar conta das discursividades que aí se produzem, ou seja, na relação entre migrante e cidade.

<sup>4</sup> Lúcio Costa, descrevendo o tipo de cidade que planeja, afirma: “Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher, satisfatoriamente, sem esforço, as funções vitais próprias de uma CIDADE MODERNA QUALQUER, não apenas como URBS, mas como CIVITAS possuidora dos atributos inerentes a uma capital.” (Silva: 1999)

*O “sujeito em trânsito” significa a forma social daquele que se instala no espaço da cidade para arranjar meio de vida e retornar ou ir a qualquer outro lugar. O sujeito “se simboliza” projetando-se no espaço da cidade a partir de um assentamento provisório dos sentidos. A forma de estar na/ habitar a cidade, de atuar, de envolver-se ou não, passa por trajetos de sentidos que transitam de um ponto espaço-tempo presente – aqui e agora – para outro de um passado saudoso ou renegado, ou de um futuro melhor. O ponto de estabilização de sentidos é colocado ‘fora’, em outro lugar.*

No caso de Brasília, toda a sua população era migrante – “forasteiros nostálgicos, exilados” – e não se tratava de chegar a uma cidade em que, pelo menos em parte, o imaginário de uma cidade qualquer pudesse funcionar. Tratava-se de, na e pela diferença, (re)construir sua cidade neste espaço grandioso e monumental, sem centro e sem bordas, de áspero concreto e de ardentes e suaves flores do cerrado, nascida na solidão do sertão sob a proteção de um céu luminoso e radiante. Em 1962, Clarice diria: “Brasília ainda não tem o homem de Brasília.” Era preciso atravessar os efeitos imaginários, da instância da organização, e atingir aquela ordem cidadina, apoderar-se dela e poder fazer-se leitor e autor do destino para o qual rumara deliberadamente, pensava. Nos primeiros anos, até final da década de 70 pelo menos, poderíamos dizer que essa posição de sujeito em trânsito era a dominante. A maioria pensava, ainda, em partir, retornar ao que já não estava mais lá: o passado. “É a humanização lenta de uma cidade que por algum motivo oculto é penosa”, e demanda paciência e coragem para esperar o que só poderá ser sabido depois.

Milton Hatoum, escritor, nascido em Manaus, que morou em Brasília em 1968 e 1969, retornando, agora, em 2002, fala de sua experiência com a cidade. De uma cidade em que o homem não sabe o que fazer de si, em que se sente desnudado, a sós... com seus desejos, medos e paixões, sozinho com sua história.

*Minha impressão de Brasília foi de euforia, depois estranhamento e, por fim, desnorteio. Fiquei desnortado, literalmente, como se o Norte tivesse sido arrancado de mim. [...] O paraíso da infância e juventude se esfumara. De repente, me vi sozinho numa outra imensidão, a do cerrado, e senti o*

*peso angustiante da solidão. Como notou Octavio Paz, o sentimento da separação, que é universal, surge no momento do nosso nascimento. Desde o começo, somos anjos tortos e decaídos, mas a consciência dessa separação é decisiva para cada ser humano. Em algum momento percebemos que o paraíso da infância foi perdido para sempre. O lugar mais recôndito desse paraíso é a memória. E o que resta, ou seja, quase tudo, será o purgatório do dia-a-dia, no lugar e na época em que vivemos. (Correio Braziliense: 21/04/2002)*

A partir desse trabalho de intertextualidade, preocupado por pressupostos da Análise de Discurso, tomei um recorte para compreender os gestos de interpretação que a cidade trazia para uma nova espacialização da linguagem, que tem na organização da língua a base para compreensão dos processos discursivos em que se constituíam os sentidos para esse sujeito em trânsito em busca de um universo logicamente estabilizado (Pêcheux: 1990).

O recorte é parte do depoimento de um jornalista americano, Brian Mier, da *Index Magazine*, em que relata um fato ocorrido quando dividia o quarto com um brasileiro, em Berlim, a partir do que se concebeu espacialmente como lugar de moradia.

*Quando eu fui embora, ele me deu um endereço que mais parecia um CEP gigantesco. “Qual é a rua onde você mora?”, perguntei. “Não moro em uma rua. Na verdade, moro em Brasília. É uma cidade muito estranha, o tipo de cidade que você encontraria mais no espaço do que em qualquer outro lugar, como uma colônia espacial. Ninguém tem endereço porque nós não moramos em ruas, vivemos em ‘superquadras’.” (Correio Braziliense: 18/03/2000)*

Poderíamos iniciar uma análise desse enunciado, parafraseando este brasileiro e dizer que “a minha rua não é uma rua, é uma superquadra”, o que nos coloca a questão da nomeação dos espaços da cidade, como uma questão do sujeito e dos sentidos que aí se constituem, ou seja, coloca em questão o estatuto semântico de “rua”, logo de posições de sujeito contraditórias que enunciam de algum lugar da história. Há, pois, “uma rua”, indeterminada, genérica, universal – que todos conhecem –, e há a “minha” rua, marcada

por um predicado que nega a designação primeira (Dias: 2001). Estamos, pois, vendo funcionar um pré-construído – “algo fala antes, em outro lugar, independentemente” (Pêcheux: 1988). A realidade do sujeito, enquanto um sistema de evidências e de sentidos estabilizados, fica sob suspeição.

Mas o conflito que se prenuncia resolve-se, discursivamente, por um deslocamento de uma palavra por outra: um efeito metafórico. *Não moro em uma rua. Na verdade, moro em Brasília.* Um efeito intermediado – *na verdade* – pela voz que vem de uma posição sujeito que sabe o que diz, re-construindo o sistema de evidências rompido a partir de outro lugar. A identificação de lugares no espaço como endereço, como possibilidade de localização, de identificação e controle do sujeito, se dá em relação ao todo e não mais em relação às partes desse todo. O que permite ao sujeito dizer mesmo que *ninguém tem endereço porque nós não moramos em ruas, vivemos em ‘superquadras’*, ao mesmo tempo em que produz a diferença – novos sentidos – pela relação que se estabelece entre “ter endereço”, “morar” e “viver”. Um todo que também aparece enunciado de uma outra posição de sujeito pela expressão *CEP gigantesco*. Não é mais possível colocar o ponto de estabilização de sentidos, de identificação do sujeito “fora”, em outra cidade. Temos, aí, pistas, vestígios de outras formas de significar o espaço-tempo, de uma ruptura incontornável, que desloca o sujeito de uma posição de transitoriedade para a de pertencimento. O sentido de viver juntos se estrutura a partir e dentro de um espaço de todos: a cidade.

Niemeyer, enunciando de outra posição, a do sujeito da administração, afirma que “o endereço tem dupla finalidade: a) individualizar a edificação; b) permitir encontrá-la de maneira lógica, o que vale dizer “fácil”. E diz mais. “Por comodidade, e em face do Plano de Brasília, se numeraram as quadras e, dentro delas, as edificações, partindo do geral para o particular. Um exemplo: o endereço, em Brasília, se reduz à seguinte expressão: SQS 304 – B – 502, onde SQS é superquadra sul, 304 é o número da superquadra, B, a designação do bloco e 502, o número do apartamento. (Note-se que, conforme a boa técnica de memorização, além da referência norte ou sul, o endereço é constituído por dois números separados por uma letra.)” (Silva: 1999)

Parece, contudo, que esse sistema de classificação e indexação tão lógico, em sua repetição, pode também trazer outros sentidos para a relação entre o visível, o dizível e

o inteligível, para esse sujeito que já aí se reconhece – e é reconhecido – por uma indexação, como o faz Clarice:

*Brasília é o mistério classificado em arquivos. Tudo lá se classifica. E eu? Como é que me classificaram? Deram-me um número? Sinto-me numerificada e toda apertada. Mal caibo dentro de mim. Eu sou um euzinho muito mixo. Mas com certa classe.*

As superquadras são numeradas de 1 a 16, em faixas paralelas nomeadas quadras 100, 300, 500, 700, 900; 200, 400, 600. Cada superquadra tem apenas uma entrada-saída e os blocos são cercados de áreas verdes. As ruas internas e os passeios públicos não terminam em lugar algum e os homens que ali caminham ou os carros que ali trafegam devem sempre chegar ao seu destino: a casa, um espaço privado. “Só não agüento essas ruas redondas, essa falta vital de esquinas.” (Lispector: 1999) Segundo o memorial de Lúcio Costa, em que ouvimos a fala do sujeito urbanista:

*Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. (Silva: 1999)*

Mas, então, se a repetição da lógica de indexação classifica não só o espaço, mas também o sujeito, paradoxalmente, os imensos espaços verdes, sem limites ou barreiras, para o olhar e o caminhar – espaços públicos –, trazem possibilidades, ao mesmo tempo, de ele não se deixar classificar. Estamos, pois, diante de um espaço de linguagem – de dispersão do sujeito e do sentido – a ser construído como um espaço textual de um sujeito senhor e dono de seu dizer, capaz de saber o que diz e responsabilizar-se por



esse dito. Orlandi (2001) diz que “o sentido é também a janela de que se olha”. E ainda Clarice pode nos falar desses paradoxos e contradições vividos por esse outro ponto de vista – esse outro olhar – que cria o objeto. (Saussure: 1974)

*– Prenderam-me na liberdade. Mas a liberdade é só o que se conquista. Quando me dão, estão me mandando ser livre. – Todo um lado de frieza humana que eu tenho, encontro em mim aqui em Brasília, e floresce gélido, potente, força gelada da Natureza. Aqui é o lugar onde os meus crimes (não os piores, mas os que não entenderei em mim), onde os meus crimes gélidos têm espaço. Vou embora. Aqui meus crimes não seriam de amor. Vou-me embora para os meus outros crimes, os que Deus e eu compreendemos. Mas sei que voltarei. Sou atraída aqui pelo que me assusta em mim. – Nunca vi nada igual no mundo. Mas reconheço esta cidade no mais fundo de meu sonho. O mais fundo de meu sonho é uma lucidez. – Pois como eu ia dizendo, Flash Gordon... – Se tirassem meu retrato em pé em Brasília, quando revelassem a fotografia só sairia a paisagem.*

E também:

*Toda uma parte nossa, a pior, exatamente a que tem horror a ratos, essa parte não tem lugar em Brasília. Eles quiseram negar que a gente não presta.*

A essas posições de sujeito podemos, ainda, juntar os enunciados de poetas locais que, como nos sonhos vão construindo, pelos desejos e medos, a sua cidade erguida como o espanto inexplicado, como uma alteridade. O movimento do sentido para o não-sentido no lugar em que o simbólico e político se articulam na produção desses efeitos. O real da cidade des-organizando essa forma classificatória, totalizante, de apagamento e silenciamento dos diferentes modos de significar a cidade.

*Sinto-me Quase Só – SQS*

*Sem Quase Ninguém – SQN (Luis Martins da Silva)*

*Brasília, Brasília onde estás que não respondes?  
Em que bloco em que superquadra tu te escondes?* (Nicolas Behr)

Em Brasília não se mora também em prédios ou edifícios, mas em blocos residenciais que seguem um gabarito máximo uniforme – 3 e 6 pavimentos – e se sustentam em pilotis. E aí podemos refletir sobre os desdobramentos de sentidos que a existência obrigatória dos pilotis – somada à dos imensos espaços verdes –, trazem, principalmente no que diz respeito à relação entre o privado e o público, entre o urbano e o rural. O que depreendemos do enunciado ouvido, na década 70, de uma senhora de mais idade, vinda do interior de Minas, passeando, de carro, por Brasília: “Que cidade mais esquisita, a gente está na cidade e, de repente, parece já estar na roça, com tanto mato e solidão...” E ao final de seu Plano, resumindo-o, Lúcio Costa assim se refere à cidade que se projeta sustentada por um imaginário de junção, de adição de contrários:

*É assim que, sendo monumental, é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamentos, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre.* (Silva: 1999)

E, fornecendo mais um elemento para a nossa análise, podemos, junto com Orlandi (1988), dizer em relação ao sentido de cidadania que essas formas espaciais trabalham as posições anteriormente mencionadas, produzem sentidos outros para cidadania.

*O sentido da cidadania não se faz por si mesmo, mas no cruzamento da história com o como o social se significa nos sujeitos nos diferentes sentidos da cidade governada pelo Estado. Ou seja, a cidadania se significa nos modos como o Estado subjetiva as relações sociais na relação do político com o simbólico. Esses modos administram fortemente os processos de significação que dizem respeito ao espaço público.*

Os pilotis transformam a área térrea dos blocos residenciais privados em área pública, em espaços públicos de circulação do cidadão, rompendo certas fronteiras, deslo-

cando o movimento de sentidos entre o par opositivo: privado/público. O morador, o proprietário de um apartamento, não é proprietário dessa área, embora pague por ela. E o tombamento da cidade tem sido decisivo para a manutenção desses espaços públicos que, somados à área verde – arborizada e florida – de cada superquadra, aumenta de forma significativa o que fica fora da casa, o que é da ordem do político e que marca o processo de socialização do homem que vive em Brasília. Transformações no modo de estar e sentir-se junto a.

Nesta outra forma de conceber o espaço de relações sociais – relações de sentido – a “quantidade”, como constitutiva do processo de significação da cidade e da cidadania (Orlandi: 1998; 2001), é aqui marcada pela grande extensão de espaços de circulação para os seus habitantes, espaços que fazem funcionar imagens ligadas ao campo, ao fora da cidade, produzindo efeitos paradoxais. “Prenderam-me na liberdade.” Como historicizar essa quantidade? Como metaforizá-la? Essas eram demandas, de sentido, que se faziam a esse sujeito em trânsito, em uma cidade em que a luminosidade cega, ao mesmo tempo que a vastidão desnuda. Em uma cidade em que a concentração do poder político do País nas mãos de poucos ganha visibilidade nas ações dos Poderes constituídos da República, os espaços públicos, em quantidade desmesurada, convidam o cidadão a ser livre, a circular livremente.

Talvez possamos compreender melhor, se prosseguirmos nesta reflexão, certas manifestações cívicas e populares, que são tomadas como inesperadas e assintomáticas para uma cidade fria e desumana como muitos consideram Brasília, como as manifestações ocorridas por ocasião do “impeachment” do presidente Collor, em 1992, e a recepção aos jogadores de futebol que se sagraram campeões do mundo em 2002. Compreender a dimensão política de uma Brasília aparentemente tão despolitizada como querem – e fazem – crer aqueles que por aqui circulam – sujeito em trânsito – e que continuam significando a cidade “de fora”.

Brasília hoje já não é mais uma flor de estufa, como diz Ana Miranda, em seu retorno, falando de uma cidade em que viveu de 1959 a 1969. “A rodoviária, projetada para ser um requintado centro cosmopolita, foi ocupada como ‘uma Bastilha’, e ali, naquele ponto deixou de ser ‘uma flor de estufa’. Brasília foi invadida pela realidade brasileira.”

*Sinto saudade da caliandra, saudades das caliandras, flores vermelhas, que eu chamava de 'alfinete' [...] eu passava o dedo nos pêlos castanhos dourados de seus frutos secos, tocava as pontas dos alfinetes macios, cada uma que eu encontrava no cerrado me fazia ficar parada, em silêncio, reflexiva, perplexa diante daquela fabulosa manifestação, num subsolo provavelmente de topázios. Saudades no plural. Operários. Beijo do Juscelino em meu rosto. Tratores. Capacetes. Oscar Niemeyer e todo o seu humanismo, gostando de ouvir um samba-canção. Bar dos Inocentes. Cydno e Marca. Aquela Lua. Os cabelos dourados do poeta de mimeógrafo debaixo da luz dos postes. Um incêndio na Ermida. (Correio Braziliense: 21/04/2002)*

Brasília, agora, já tem um memorável. “Parece que tudo hoje tem a ver com este ponto de encontro, esta rodoviária fantasma onde eu era estudante, de tranças, e comia pastel de queijo e bebia caldo de cana, via o sol nascer como uma esplendorosa profecia de um drama passionnal...” Lugares e pessoas particularizam o espaço e o tempo, antes impossível de ser feito. Já é o lugar de uma falta enunciável, de coisas nomeadas e significadas anteriormente; já algo fala, antes, em outro lugar, independentemente, de dentro de uma memória discursiva que se construiu. Já é possível buscar a Brasília perdida.

#### Résumé

Dans cet article, je cherche à comprendre les processus de subjectivation qui se constituent dans les relations du sujet avec les formes des espaces de la ville de Brasília à travers l'analyse des discours autres que celle du discours (de l') urbain dans les premières années de sa fondation. Comprendre comment le travail de la mémoire, de l'histoire dans le présent de cette rencontre du sujet avec un passé et un futur produit d'autres sens pour la relation entre le visible, le dicible et l'intelligible, entre le privé et le public, entre l'urbain et le rural: transformations dans la manière d'être et de se sentir avec.

#### Referências Bibliográficas

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. (Trad. Diogo Mainardi.)

- DIAS, Luiz Francisco. A aula de gramática e a realidade discursiva do vocábulo. In: DIAS, L.F. (org.). **Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa**. João Pessoa: Idéia, 2001, p. 67-80.
- LISPECTOR, Clarice. **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MORELLO, Rosângela. Casas e Centros de Cultura e o movimento de sentidos na cidade. In: ORLANDI, E. P (org.). **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 35-42.
- ORLANDI, Eni Pucinelli. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: ORLANDI, E. P (org.). **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano**. Campinas: Pontes, 2001, p. 9-24.
- \_\_\_\_\_. A desorganização cotidiana. In: **Escritos: percursos sociais e sentidos nas cidades nº 1**. Campinas: Unicamp/Labeurb, 1998, p. 3-10.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990. (Trad.: Eni P. Orlandi.)
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. (Trad.: Eni P. Orlandi et al.)
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1974. (Trad.: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein.)
- SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade**. 4ª edição. Brasília: Linha Gráfica Editora, 1999.